

Aspectos epistemológicos da recepção de Saussure na linguística brasileira

Valdir do Nascimento Flores¹

Resumo

Este artigo busca delinear uma recepção do pensamento teórico de Ferdinand de Saussure no Brasil, a partir da análise da recepção do livro *Curso de linguística geral* na linguística brasileira. Elaborar-se, para tanto, uma perspectiva de entendimento de “recepção” com base em Milner (2021), em que adquire destaque a ideia de verificar em que sentido o entendimento de ciência linguística, no contexto disciplinar e institucional da linguística, brasileira, sofreu algum efeito de Saussure. Toma-se como índice de análise o advento da tradução brasileira do livro e seu contexto epistemológico.

Palavras-chave: Epistemologia da linguística. Ferdinand de Saussure. Linguística brasileira

Data de submissão: outubro. 2024 – Data de aceite: novembro. 2024

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v20i3.16409>

¹ Professor Titular em Linguística e Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFRGS. Professor convidado na École Normale Supérieure - Paris/França, onde ministrou curso sobre a Recepção de Saussure e Benveniste no Brasil. Ministrou aulas também na Université de Paris III, como professor convidado. Possui Mestrado em Letras (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992), Doutorado em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1997), Pós-doutorado (CNPQ), na Université de Paris XII-Val-de-Marne, e Pós-doutorado (CAPES), na Université de Paris X - Nanterre, sob a direção de Claudine Normand. É professor/orientador do Programa de Pós-graduação em Letras da UFRGS. É membro do Cercle Ferdinand de Saussure, com sede em Genebra (Suíça). <https://orcid.org/0000-0003-2676-3834> E-mail: valdirnf@yahoo.com.br

“podemos dizer que Saussure cumpriu bem o seu destino. Além da sua vida terrena, as suas ideias brilham mais longe do que ele teria podido imaginar, e esse destino póstumo se tornou como uma segunda vida, que se confunde para sempre com a nossa”.

(Émile Benveniste, “Saussure após meio século”).

Introdução: sobre a noção de “recepção epistemológica” de uma obra

A noção de “recepção”, quando aplicada a uma obra, nem é transparente nem é evidente. Muitas são as perspectivas que poderíamos assumir em relação a tal noção; algumas mais outras menos próximas aos estudos linguísticos. Especificamente no interior da linguística, podemos elencar abordagens como as produzidas no campo dos estudos pertencentes à chamada “história das ideias linguísticas” (Colombat; Fournier; Puech 2010) e à “historiografia linguística” (cf. Swiggers, 2013; Altman, 2021), ambas perspectivas complexas e responsáveis por interpretações que podem, ou não, convergir em numerosos aspectos.

Nosso trabalho aqui, ao tratar da recepção de Ferdinand de Saussure no Brasil, não deverá seguir nenhuma das abordagens acima lembradas, o que não implica propor algo que se contraponha a esses estudos, já tão consolidados no cenários brasileiro e internacional. Quer dizer, ao não assumirmos nem o viés da “história das ideias linguísticas”, nem o da “historiografia linguística” (cf. Leite, 2019), para falar da recepção de Saussure no Brasil, não estamos querendo estabelecer contraposição de nenhuma natureza. Nosso objetivo é mais modesto; ele resume-se tão somente no seguinte: queremos falar de uma recepção circunscrita ao aspecto epistemológico em sentido estrito; e usamos essa ideia à moda do que diz Jean-Claude Milner, em seu livro *Introdução a uma ciência da linguagem*. Vejamos:

A linguística deseja ser uma ciência. Além desse desejo, ela não tem nenhum status e só lhe resta se confundir com as práticas, muito antigas e muito estimadas, que agrupamos sob o nome de gramática. Evidentemente, o nome de ciência não se reveste de nenhuma evidência por si mesmo; sabemos que cabe à epistemologia especificar seu conteúdo; sabemos também que as doutrinas epistemológicas são variadas, de tal modo que a linguística é afetada por todos os equívocos e hesitações que marcam a questão da ciência (Milner, 2021, p. 15).

Ao que acrescenta:

Contudo, podemos e devemos ir além da história. *Podemos e devemos nos questionar sobre como a questão da ciência é pertinente para a linguística.* Ainda mais que, por motivos que deverão ser explicados, a linguística, como disciplina, se revela fortemente preocupada com uma epistemologia (Milner, 2021, p. 15, grifo nosso).

Nesse sentido, a proposta de Milner toca uma questão que para nós é crucial: “a articulação particular da questão da linguística e da questão da ciência” ((Milner, 2021, p. 16).

Sem dúvida, somos conscientes de que o recorte por nós estabelecido corre alguns riscos; em especial aquele que alertam Colombat; Fournier; Puech (2010, p. 11), ao problematizarem o uso do termo “teoria” para se referir a “teorias linguísticas”. Esse termos pode ligar-se a concepções que levam a concepção de ciência desenvolvida no ocidente a partir do século XVIII, o positivismo. Colombat, Fournier e Puech preferem o termo “ideias sobre a linguagem e as línguas” exatamente por ser

menos engajado epistemologicamente; ou, mais exatamente, que leva em conta um engajamento diferente, menos normativo, e mais respeitoso com a diversidade das formas que o saber pode tomar na história ou em outras culturas. Sob esse termo *ideia*, nós incluiremos todos os tipos de objetos que ultrapassam largamente aquele de “teoria”: há *conceitos* (por exemplo, partes do discurso), *procedimentos* (adição, subtração, mutação, permutação, de comparação etc., dos quais dependem conceitos linguísticos maiores, como elipse, ou analogia), técnicas (como aquelas da [de]monstração, que explica o recurso a exemplos, a paradigmas etc.).

Sim, sempre há essa possibilidade de que falam os autores. No entanto, queremos assim mesmo ver em que medida Saussure no Brasil produziu, ou não, aproximação com a ideia de “ciência linguística”, o que obviamente pode ser objeto de crítica no interior da própria epistemologia mobilizada. É nesse sentido que entendemos o título do presente trabalho.

Para levar a cabo nosso intuito, desenvolvemos nossa reflexão, inicialmente, em duas direções. Na primeira (cf. item 2), buscamos discutir um ponto essencial, segundo pensamos, quando se fala de Saussure no Brasil: a tradução do *Curso de linguística geral* (CLG). Fazemos isso relacionando-a à conjuntura epistemológica institucionalizada da linguística no Brasil antes da tradução do CLG; na segunda (cf. item 3), avaliamos as consequências epistemológicas que delinearam uma recepção (também epistemológica) de Saussure no Brasil. Por fim (cf. item 4), fazemos algumas considerações acerca dessa recepção de um ponto de vista que visa a relação da teoria com a busca de formulação de uma ciência linguística.

1 A tradução do *Curso de linguística geral* no brasil – conjuntura epistemológica

Antes de passarmos propriamente à discussão do lugar da tradução do CLG na recepção epistemológica de Saussure no Brasil, cabem algumas observações sobre Saussure no contexto brasileiro; faremos, na verdade, uma espécie de “desvio”, como forma

de relativizar a afirmação – subjacente ao nosso raciocínio – segundo a qual a tradução do CLG tem papel importante da recepção epistemológica de Saussure no Brasil, o que poderia ser entendido de maneira muito categórica. Quer dizer, não defendemos que a tradução foi a primeira e única maneira de introduzir o CLG nos estudos linguísticos brasileiros; é certo que se leu Saussure em sua língua original antes disso. O que defendemos é que, do ponto de vista de uma ampla circulação do texto (configurando, portanto, uma recepção), a tradução do CLG tem papel central.

Ora, é fato que a linguística sincrônica de Saussure chegou ao Brasil antes mesmo da tradução do CLG, e isso muito por conta – mas não apenas – do trabalho do linguista Joaquim Mattoso Camara Junior (1904-1970), reconhecido como pioneiro da linguística descritiva no país, seja do ponto de vista cronológico ou intelectual. No entanto, é importante destacar dois aspectos sobre Mattoso Camara: primeiro, ele foi profundamente influenciado pelo russo Roman Jakobson, com quem estudou em 1942, e essa influência moldou sua interpretação de Saussure nos quadros do que ficou conhecido como “estruturalismo saussuriano”; segundo, sua atuação nas Faculdades de Letras brasileiras foi limitada, pois passou grande parte de sua carreira ensinando em escolas secundárias, o que dificultou a difusão de suas ideias em meio a abordagens mais tradicionais, já consolidadas. Como apontado por Altman (1998, p. 104-105), suas propostas não alteraram de forma significativa o cenário acadêmico da época.

Em 1942, Mattoso publicou *Princípios de linguística geral*, primeiro manual de linguística do Brasil, que teve várias reedições. Nele, Mattoso reconhece Saussure como precursor da teoria da sílaba, além de destacar sua contribuição para a linguística sincrônica. Também mais tarde, em sua obra *História da Linguística*, postumamente em 1975, vemos Mattoso dedicar vários capítulos à explicação das ideias de Saussure e a colocá-las na origem da discussão sobre a ciência linguística. Diz Mattoso:

Devido à importância das ideias de Saussure na história da linguística, é conveniente resumi-las como se segue: 1) há uma linguística descritiva ao lado de uma linguística histórica e a explicação da mutação nada tem a ver com os fatos sincrônicos dela resultantes; 2) ambos esses estudos devem focalizar a linguagem como um padrão, abstrato, subjacente aos atos do discurso; 3) as formas linguísticas que constituem esse padrão nada mais são do que a relação entre o significante e o significado, isto é, entre complexos sonoros e o que eles significam; 4) essa relação é arbitrária ou, em outras palavras, não existe uma associação natural entre sons vocais e os conceitos por eles expressos; 5) a linguística, dessa forma, é a ciência de uma série de sinais vocais e um aspecto particular de uma ciência geral de sinais ou Semasiologia. De todas essas ideias, somente a primeira foi nítida e coerentemente expressa no Cours, de Saussure. O restante teve de ser debatido, ampliado e esclarecido no trabalho ulterior de seus muitos discípulos (Câmara, 2021, p. 149-150).

Mattoso compreendia amplamente a novidade do pensamento saussuriano. Leia-se

essa síntese, também presente na *História da linguística*:

O primeiro e crucial problema de linguística geral que Saussure focalizou dizia respeito à natureza da língua. Encarava-a como um sistema de signos. Ela se lhe apresentava como a realização mais elaborada e mais completa do homem em sua capacidade de operar com signos. Considerava a linguística, portanto, como um aspecto de uma ciência mais geral, a ciência dos signos, ou Semiologia. Mas Saussure não se detinha na Semiologia em geral. Achava que a língua, como o mais elaborado e completo meio humano de usar sinais, devia ser estudada per se e que os princípios gerais sobre ela deviam servir como elementos para a criação de uma ciência geral de signos humanos. Dessa maneira, a linguística era, para ele, uma ciência particular dentro da ciência geral dos sinais, podendo ser a base para aquela ciência geral que estava ainda para ser erigida (Camara, 2021, p. 145).

Ora, está correto Mattoso. A linguística geral de Saussure é uma semiologia, uma semiologia linguística. Isso é bem evidente no CLG. A linguística geral de Ferdinand de Saussure é diferente da que a precede exatamente porque Saussure estabelece um ponto de vista inaugural – o semiológico, em que a língua é vista como um sistema de signos arbitrários, um sistema de valores: “esse princípio basta para delimitar a autonomia da linguística, deixando de lado a busca por causas, psicológicas ou sociais, das mudanças linguísticas” (Normand, 2000, p. 466).

Isso posto, cabe dizer que, apesar de considerarmos, neste trabalho, a tradução do CLG como um marco importante da recepção epistemológica de Saussure no Brasil, não podemos desconhecer que, antes disso, há, entre nós, alguma referência ao genebrino; Mattoso Camara é exemplar disso. Falemos um pouco sobre esse advento.

O *Curso de linguística geral* teve sua primeira tradução publicada no Brasil em 1970, pela Editora Cultrix. Na ocasião, a responsabilidade da tradução coube a Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. Essa edição conta com um excelente “Prefácio à edição brasileira”, escrito por Isaac Nicolau Salum. Os tradutores incluíram poucas notas de tradução no livro, totalizando sete ao longo da obra. Essa tradução é, sem dúvida, tardia: é o próprio linguista Isaac Nicolau Salum em seu prefácio à edição que comenta em tom irônico: “A 1ª edição do *Cours* é de 1916 (...) a versão portuguesa sai com apenas 54 anos de atraso” (Salum, 1975, p. XIII). No “Prefácio”, explica ainda Salum (1975, p. XIII-XIV) que

A primeira foi a versão japonesa de H. Kobayashi, de 1928, reeditada em 1940, 1941 e 1950. Vem depois a alemã de H. Lommel, em 1931, depois a russa, de H. M. Suhotin, em 1933. [...]. A versão espanhola, de Amado Alonso, enriquecida com um excelente prefácio de 23 páginas, saiu em 1945, sucedendo-se as edições de 1955, 1959, 1961, 1965 e 1967, numa cerrada competição com as edições francesas. São as edições francesa e espanhola os veículos de maior divulgação do *Cours* no mundo românico. A versão inglesa de Wade Baskin, saída em Nova Iorque, Toronto e Londres, é de 1959. A polonesa é de 1961, e a húngara, de 1967. Em 1967 saiu a notável versão italiana de Tullio De Mauro, tradução segura e fiel, mas

especialmente notável pelas 23 páginas introdutórias e por mais' 202 páginas que se seguem ao texto, de maior rendimento, em virtude do corpo do tipo usado, ostentando extraordinária riqueza de informações sobre Saussure e sobre a sorte do *Cours*, com 305 notas ao texto e uma bibliografia de 15 páginas (cerca de 400 títulos).

Especificamente sobre a tradução brasileira, assim Salum a contextualiza:

a frequência das reedições e traduções do *Cours* nesta década de 60 que acaba de expirar mostra que já era tempo de fazer sair uma versão portuguesa dessa obra cujo interesse cresce com o extraordinário impulso que vêm tomando os estudos linguísticos entre nós e em todo o mundo. [...]. Acresce que o desenvolvimento dos currículos do nosso estudo médio nestes últimos anos impede que uma boa percentagem de colegiais e estudantes do curso superior possam ler Saussure em francês [...]. Mas, agora, o interesse público em Saussure cresce, e uma edição portuguesa se faz necessária para atender à demanda das universidades brasileiras.

Fica claro, a partir do que diz Salum, que o contexto institucional brasileiro requeria uma tradução do CLG para que as ideias do genebrino pudessem circular entre nós, com maior desenvoltura. É exatamente isso que lemos em “Saussure: rupturas e subversões”, de autoria de um dos tradutores do CLG, o professor Izidoro Blikstein:

o *Cours* fazia parte de um ousado plano de publicações, apoiado por José Paulo Paes, poeta, crítico e editor da Cultrix. Era um plano ousado, pois José Paulo acreditava que haveria mercado para autores de linguística e semiótica, uma vez que a linguística se tornara obrigatória para os cursos de Letras e Comunicação” (Blikstein, 2016, p. 182).

Blikstein esclarece ainda que foram traduzidas nessa mesma época obras de outros autores além de Saussure: Roman Jakobson, Roland Barthes, Maurice Leroy, Éric Buyssens, Algirdas Greimas. Diz ainda que assim “os estudantes passaram a conviver com as dicotomias saussurianas: língua/fala, sincronia/diacronia, significante/significado” (Blikstein, 2016, p. 183).

Ora, consideradas as informações acima, podemos pensar que a tradução do CLG, de certa forma, se “impôs” como uma necessidade de mercado no contexto institucional brasileiro.

O fato é que a linguística no Brasil era, no início dos anos 1970, quase uma novidade e a tradição brasileira dos estudos nesse campo não comportava grande referência a Saussure. O contexto institucional (Vandresen, 2001) da reflexão linguística no Brasil tem uma tradição bastante dependente dos estudos da gramática tradicional (normativa), da filologia (Cavaliere, 2000) e da dialetologia e apenas em menor parte da linguística geral, aí incluído Saussure (cf. Flores, 2017).

Os cursos de Letras no Brasil começaram a ser estruturados nas décadas de 1930 (Fiorin, 2006), dentro das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, voltadas ao estudo das humanidades e à formação de docentes. Isso significa que as Faculdades de Letras

têm menos de um século no país, sendo, portanto, uma criação bastante recente.

A linguística, entendida como disciplina institucional é, por sua vez, posterior a 1930. Somente em 1961 o Conselho Federal de Educação, vinculado ao Ministério da Educação, determinou que a linguística passasse a integrar o currículo obrigatório das Faculdades de Letras. Naquele período, existiam no país 83 Faculdades de Letras, cujo foco principal era seguir a tradição filológica portuguesa, abordando o ensino de línguas de maneira histórica e normativa.

Observe-se que se, por um lado, podemos pensar que a tradução do CLG se “impôs” em função de um mercado emergente, por outro lado, uma outra imposição se dá entre nós: a da própria linguística, que começou a fazer parte das Faculdades de Letras no Brasil por efeito de uma decisão governamental (é isso que lemos, acima, em Blikstein: “a linguística se tornara obrigatória para os cursos de Letras e Comunicação”).

Até o início dos anos 1960, o currículo dos Cursos de Letras era composto exclusivamente por disciplinas como Filologia, História da Língua Portuguesa, gramática normativa da Língua Portuguesa, Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa, além de línguas clássicas, germânicas (Inglês e Alemão) e neolatinas (Francês, Espanhol e Italiano). Os conteúdos linguísticos eram abordados de uma perspectiva histórica nas disciplinas de Língua Portuguesa e Filologia. Além desses conteúdos, havia nas Faculdades de Letras uma linguística de origem dialetológica, uma vez que se tinha, no Brasil, alguma preocupação com as línguas indígenas.

Entre nós, a abordagem gramatical normativa começa já no século XVI, com o ensino jesuítico, e se mantém ao longo dos anos seguintes. Essa visão baseia-se, de forma pouco crítica nas gramáticas tradicionais, que adotam um modelo de língua centrado em uma noção de norma ideal (Faraco, 2006). Essa visão sobre a língua, consolidada nas três primeiras décadas do século XX, resulta da forma como os estudiosos brasileiros interpretaram a questão da língua padrão. No final do século XIX no Brasil, adotou-se um modelo de escrita que era essencialmente uma reprodução do padrão utilizado em Portugal. Houve, assim, uma “lusitanização” da escrita no Brasil, reforçando uma concepção normativa da língua. As pesquisas linguísticas, quando realizadas, tinham como objetivo a codificação de uma língua padrão ideal, alheia à norma real e à variação linguística, desconsiderando a diversidade que caracteriza um país culturalmente heterogêneo. Ironicamente, após a independência política de Portugal, o Brasil se coloca em uma situação de dependência linguística ao adaptar-se ao modelo de uma sociedade europeia etnicamente distinta e com uma cultura já consolidada e muito diferente da brasileira. A principal corrente de estudiosos brasileiros, à época, defendeu a assimilação da língua literária do Brasil à língua literária de Portugal.

A perspectiva filológica também tem, por sua vez, uma presença marcante no Brasil.

A linguística histórico-comparativa teve grande impacto sobre os filólogos e gramáticos brasileiros. No entanto, a produção acadêmica brasileira do final do século XIX e início do século XX carece de obras voltadas para a linguística geral (Cavaliere, 2000): “pode-se afirmar que o grupo de especialidade em evidência até a década de sessenta foi, sem dúvida, o da filologia. Consequentemente, o estatuto socioprofissional e científico que legitimava o trabalho dos pesquisadores dedicados à matéria linguística era o de filólogo” (Altmann, 1998, p. 71).

Por fim, a perspectiva dialetológica e sociolinguística também integrou o processo de institucionalização da pesquisa linguística no Brasil. Os estudos dialetológicos focaram em questões metodológicas relacionadas à geografia linguística, buscando aplicá-las na investigação dos diversos falares do português no país. Esses trabalhos se dedicaram a abordar um desafio central do português falado: a definição do corpus e a escolha da metodologia adequada. As pesquisas deram ênfase principalmente ao estudo da fonética e do vocabulário da língua portuguesa.

Ao analisarmos esses conteúdos, fica claro que os estudos sobre a linguagem no Brasil têm suas raízes, principalmente, em uma tradição normativa, filológica e dialetológica, em vez de uma tradição linguística sincrônica como a saussuriana. E agora sabemos bem um dos motivos disso: não havia acesso fácil – uma tradução, por exemplo – de Saussure entre nós.

2 Consequências epistemológicas que delineiam uma recepção do CLG

E que consequências epistemológicas há em termos uma tradução tão distanciada da data original de publicação do CLG? Respondemos essa indagação precisando dois pontos.

O surgimento do livro, sendo tão tardio, aparentemente não causou o mesmo impacto que teve em países que o traduziram antes do Brasil (primeiro ponto). O fato é que, quando os linguistas brasileiros tiveram contato mais abrangente com o *Curso de linguística geral*, por meio de sua tradução, a interpretação da obra já estava influenciada por diversas outras leituras, incluindo a perspectiva estruturalista, como indica a referência acima, de Blikstein, às “dicotomias saussurianas”. Além disso, é notório que, inicialmente, a maioria dos brasileiros esteve alheia às discussões críticas sobre o pensamento de Saussure (segundo ponto).

Dado o contexto mencionado anteriormente, pode-se afirmar que a recepção do *Curso de linguística geral* no Brasil não se configurou de forma semelhante àquela observada em outros países. Ou seja, no momento de sua tradução, a obra não foi apresentada aos estudantes de linguística como um texto central por si só, mas como algo

que já integrava um certo “passado” da história da linguística. Raramente nos dedicamos a explorar as possibilidades teóricas e metodológicas que o CLG poderia oferecer. Ademais, na década de 1970, outros estudos linguísticos já estavam consolidados no Brasil, fortemente influenciados tanto pelas ideias de Noam Chomsky quanto pelas de William Labov.

É evidente que, no final da década de 1980, Saussure era apresentado nos cursos introdutórios de linguística com o devido reconhecimento por seu papel fundador. Não é nesse ponto que vemos uma dissimetria entre o que se passou no Brasil e em outros países do mundo. É que, entre nós, o livro vem acompanhado de certa sensação de que já era hora de superá-lo. O pensamento predominante à época parecia ser o de que Ferdinand de Saussure havia instituído a linguística como ciência, fornecendo-lhe método e objeto, mas suas formulações já estavam ultrapassadas. Consequentemente, seu papel histórico era visto como passado. Não havia mais o que ensinar sobre Saussure. A prova disso era que muitos dos livros introdutórios à linguística utilizados em nossas universidades mencionavam a obra póstuma de Saussure como um marco na constituição da linguística científica, mas sempre com a ressalva de que Saussure pertencia ao passado, e que a linguística relevante era a contemporânea, em grande medida associada às obras de Chomsky e Labov.

Atesta o que dissemos o trabalho de Eliane Silveira (2016), “Saussure à brasileira: estatuto epistemológico do *Curso de linguística geral* nos manuais publicados entre 1930 e 1980”. Nele, a partir do exame detalhado de cinco² manuais de introdução à linguística que circularam no Brasil no período, a autora diz que “foi muito difícil encontrar nos manuais de linguística brasileiros desse período referências explícitas à epistemologia saussuriana” (Silveira, 2016, p. 204).

Dessa forma, compreendemos que a recepção epistemológica — ou seja, uma recepção que realmente precisasse os termos pelos quais Saussure teria marcado um ponto de virada na linguística mundial, como se reflete nas expressões “linguística pré-saussuriana” e “linguística pós-saussuriana” — ocorreu de maneira intermediada por uma classe de linguistas com pouca familiaridade com a pesquisa em linguística geral. Quando o CLG começou a ser amplamente difundido no Brasil, em grande parte devido à sua tradução, poucos estudos realmente avaliaram o impacto das ideias de Saussure na linguística como um todo, e na linguística brasileira em particular. Por isso, não podemos afirmar que os linguistas no Brasil adotaram uma postura de recepção à epistemologia saussuriana; o que se verificou foi mais uma recepção de cunho historiográfico.

Isso posto, podemos passar ao segundo ponto a partir do qual respondemos a

² São eles: *Princípios de linguística geral* (1942), de Mattoso Camara; *Orientações da linguística moderna* (1955), Silvio Elia; *Iniciação à linguística e à filologia portuguesa* (1949), Gladstone Chaves de Melo; *Introdução aos estudos linguísticos* (1965), Francisco da Silva Borba; e *Fundamentos da linguística contemporânea* (1980), Edward Lopes.

indagação que encabeça este item. Trata-se do quase total desconhecimento, por parte da intelectualidade brasileira, dos estudos críticos da obra saussuriana. Nos anos 1970, época da tradução do CLG entre nós, já havia larga produção crítico-filológica em torno do CLG, de sua natureza editorial, uma edição sabidamente póstuma, produzida por dois colegas de Saussure (Charles Bally e Albert Sechehaye), com o auxílio de um aluno (Albert Riedlinger), com base em anotações dos alunos de Saussure nos cursos ministrados na Universidade de Genebra.

A esse respeito, é relevante salientar que Isaac Nicolau Salum, no prefácio que escreveu para a tradução brasileira, menciona a edição crítica de Tullio De Mauro, o trabalho de Robert Godel, os números dos *Cahiers Ferdinand de Saussure*, o texto de Benveniste “Saussure après un demi-siècle” [“Saussure após meio século”], a edição crítica de Rudolf Engler, os anagramas organizados por Jean Starobinski, o *Recueil de publications scientifiques de Ferdinand de Saussure* organizado por Charles Bally e Léopold Gautier, bem como a obra de Georges Mounin (*Saussure ou le structuraliste sans le savoir – présentation, choix de textes, bibliographie*), entre outros. Apesar dessa rica revisão elaborada por Salum, os estudos que buscam fundamentar Saussure à luz de sua fortuna crítica surgem no Brasil apenas posteriormente.

Além de Salum, os próprios editores do CLG explicam a gênese controversa do livro. Em primeiro lugar, o CLG é escrito (leia-se “editado” por colegas que não assistiram as aulas de Saussure: “obrigações profissionais nos haviam impedido quase completamente de nos aproveitarmos de seus derradeiros ensinamentos” (Bally; Sechehaye, 1975, p. 2). Em segundo lugar, os editores não contaram com a integralidade dos cadernos dos alunos para escrever a obra³. Em terceiro lugar, embora a decisão de tenha sido partir das anotações dos alunos, ela não forneceu o método para a organização editorial: “Que iríamos fazer desse material?” (Bally; Sechehaye, 1975, p. 2). Em quarto lugar, decidiu-se por uma manobra bastante arriscada:

Decidimo-nos por uma solução mais audaciosa, mas também, acreditamos, mais racional: tentar uma reconstituição, uma síntese, com base no terceiro curso, utilizando todos os materiais de que dispúnhamos, inclusive as notas pessoais de F. de Saussure (Bally; Sechehaye, 1975, p. 3).

Esse aspecto da origem do CLG não é simplesmente uma curiosidade adicional. O fato de o livro ser uma reconstrução de três cursos ministrados oralmente, com base em anotações feitas por alunos, e de o texto final ter sido organizado por editores que não participaram dessas aulas revela a complexidade da obra. Compreender essa gênese é essencial para delinear a maneira como o livro pode ser interpretado e para a compreensão

³ Bally e Sechehaye informam que utilizaram apenas os cadernos de Louis Caille, Léopold Gautier, Paul Regard e Albert Riedlinger, para reconstituir o conteúdo dos dois primeiros cursos, e os cadernos de Mme Sechehaye, George Dégallier e Francis Joseph, para o terceiro curso, além de algumas notas de Louis Brüttsch.

das relações entre o CLG e outras fontes saussurianas.

Ao que tudo indica, os paratextos do CLG foram, durante um bom tempo, ignorados no cenário brasileiro; prova disso é que a fortuna crítica da obra saussuriana começa a despertar interesse e a circular no Brasil apenas por volta do início dos anos 2000, muito especialmente após a publicação da obra de Simon Bouquet, *Introdução à leitura de Saussure*.

Dito de outro modo, o CLG foi recebido no Brasil de modo a não dar destaque ao que faz de sua teoria um marco, e isso porque, de um lado, colocou-se Saussure, muito apressadamente é verdade, como um fragmento passado da história; de outro lado, porque deu-se pouca atenção à complexa gênese do livro e ao que poderia advir da consideração das fontes saussurianas.

Benveniste precisa didaticamente o lugar de Saussure em um texto, referido por Isaac Nicolau Salum em seu prefácio ao CLG. Inicialmente, pergunta Benveniste (1988, p. 34): “O que foi que Saussure trouxe à linguística de seu tempo, e em que agiu sobre a nossa?”. Em seguida, responde:

Há em todo criador uma certa exigência, escondida, permanente, que o sustenta e o devora, que lhe guia os pensamentos, lhe designa a sua tarefa, estimula-o nas suas fraquezas e não lhe dá trégua quando tenta escapar-lhe. Nem sempre é fácil reconhecê-la nas diversas operações, às vezes vacilantes, a que se entrega a reflexão de Saussure. Mas, uma vez percebida, ilumina o sentido do seu esforço, e o coloca frente a frente com os seus precursores, como em relação a nós. Saussure é em primeiro lugar e sempre o homem dos fundamentos. Vai por instinto aos caracteres primordiais, que governam a diversidade dos dados empíricos. Naquilo que pertence à língua, pressente certas propriedades que não se encontram em nenhum outro lugar a não ser aí. Com o que quer que a comparemos a língua aparece sempre como algo de diferente” (Benveniste, 1988, p. 35).

Nessa palavras, vemos Benveniste, com a verve que é-lhe habitual, precisar cirurgicamente o que faz de Saussure um fundador: a formulação de um discurso sobre a especificidade da língua, a sua diferença em relação a tudo o que não é ela. Saussure é o primeiro a formulá-lo.

Ora, esse texto de Benveniste é traduzido no Brasil em 1976, na coletânea *Problemas de linguística geral I*; nele, Benveniste cita as fontes manuscritas do CLG, organizadas por Robert Godel, lembra o *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, comenta largamente as cartas de Saussure (em especial a célebre carta dirigida a Meillet) então recentemente organizadas e publicadas por Benveniste⁴, fala nos estudos anagramáticos. Nesse texto também, referindo-se ao trabalho com as fontes manuscritas, diz:

⁴ Ver: “Lettres de Ferdinand de Saussure à Antoine Meillet” reunidas por Benveniste no número 21 dos *Cahiers Ferdinand de Saussure*.

Hoje, exegetas escrupulosos entregam-se à necessária tarefa de restaurar no seu conteúdo exato as lições de Saussure, servindo-se de todos os materiais que puderam encontrar. Graças aos seus cuidados temos uma edição crítica do *Cours de linguistique Générale*, que não apenas nos dará uma imagem fiel desse ensinamento transmitido sob a sua forma oral mas permitirá fixar rigorosamente a terminologia saussuriana (Benveniste, 1988, p. 45).

A lembrança desse texto de Benveniste feita por Salum não é suficiente para que, de alguma forma, balize a leitura de Saussure no Brasil.

Concluindo ... Saussure hoje

A partir do que dissemos, já é possível formular uma conclusão aqui: a recepção do pensamento teórico de Saussure entre nós não é acompanhada, inicialmente, de uma perspectiva crítica, nem quanto aos efeitos que essa teoria tem no conjunto da reflexão linguística, nem quanto à gênese do livro, sabidamente complexa em função de sua natureza editorial.

Ora, mesmo após mais de 100 anos da morte de Saussure, ainda sentimos os impactos intelectuais de sua obra (Flores, 2023). É claro que muitos podem afirmar — como é comum nos dias de hoje — que Saussure pertence ao passado, que suas ideias estão ultrapassadas e que a recepção de seu trabalho nas ciências humanas e sociais foi exagerada, argumentando que ele não trouxe nada de novo em relação aos autores que o precederam. Discutem-se a “mitificação” e a “desmitificação” de Saussure, e o *Curso de linguística geral* é frequentemente criticado, sendo acusado de, devido à sua origem, distorcer o pensamento original de Saussure.

No Brasil de hoje, tenho insistido (Flores, 2027) que podemos pensar em uma segunda recepção de Saussure; desta vez, não em função do CLG, mas de seus *Escritos de linguística geral*, livro que reúne um conjunto de manuscritos de Saussure editados e organizados por Simon Bouquet e Rudolf Engler (o livro de Simon Bouquet também tem papel importante nessa “outra” recepção).

A tradução brasileira dos *Escritos*, diferentemente do que ocorreu com o CLG, foi quase simultânea à sua publicação na França. A publicação lá é de 2002; aqui é de 2004. Isso permitiu uma interpretação das ideias saussurianas menos dependente da tradição, além de ter despertado uma saudável curiosidade pela gênese do GLG. Diria que o Brasil se tornou, atualmente, um centro de produção de pesquisas no campo da linguística saussuriana, resultado, em grande parte, do acesso a esse conjunto de fontes (CLG e *Escritos*). Dimensionar todos os efeitos que advirão dessa “outra” recepção é tarefa que ainda deveremos nos dar no futuro.

Para finalizar, gostaríamos de destacar o que chamamos de aspectos

epistemológicos da recepção de Saussure no Brasil, ou ainda: destacar o que consideramos *uma recepção circunscrita ao aspecto epistemológico em sentido estrito*. Aqui é mais uma vez Milner quem nos socorre. Em *Le périple structural*, Milner (2002) aborda o movimento conhecido como “estruturalismo”, não pelo viés de uma *doxa* mas pelo viés da articulação de um “programa de investigação específico e especialmente a postura distintiva que desenvolveu no que toca à ciência”. Eis o ponto que deixamos em suspenso aqui: em que medida a recepção de Saussure no Brasil prospectou um programa de investigações linguísticas, estritamente falando? Delineiam-se aqui parâmetros para uma investigação voltada aos efeitos da presença de Saussure no que toca à ciência linguística brasileira

Epistemological aspects of the reception of Saussure in Brazilian linguistics

Abstract

*This article aims to outline the reception of Ferdinand de Saussure's theoretical thought in Brazil by analyzing the reception of the book *Course in General Linguistics* within Brazilian linguistics. To achieve this, a perspective on "reception" is developed based on Milner (2021), highlighting the idea of examining to what extent the understanding of linguistic science, within the disciplinary and institutional context of Brazilian linguistics, was influenced by Saussure. The advent of the Brazilian translation of the book and its epistemological context are used as the basis for analysis.*

Keywords: Epistemology of linguistics. Ferdinand de Saussure. Brazilian linguistics

Referências

- ALTMAN, Cristina. **A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)**. São Paulo: Humanitas, 1998.
- ALTMAN, Cristina. Linguística, filosofia, e suas historiografias. **Revista Letras**, Curitiba, v. 104, n. 1, p. 7-31 dez. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/80499>. Acesso em: 19. out. 2024.
- BENVENISTE, Émile. Saussure após meio século. **Problemas de linguística geral I**. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. Campinas: Pontes, 1988.
- BENVENISTE, Émile. Ferdinand de Saussure à l'École des Hautes Étude". **École pratique des hautes études. 4e section, Sciences historiques et philologiques. Annuaire**. 1964-1965. p. 20-34.
- BENVENISTE, Émile. Lettres de Ferdinand de Saussure à Antoine Meillet. **Cahiers Ferdinand de Saussure**. Librairie E. Droz, n. 21, 1964, p. 91-125.
- BLIKSTEIN, Izidoro. Saussure: rupturas e subversões. In: BEIVIDAS, Waldir; LOPES, Ivã Carlos; BADIR, Semir. (orgs.). **100 anos com Saussure**. Textos de Congresso Internacional - tomo 1. São Paulo: AnnaBlume Editora, 2016, p. 175-188.
- BOUQUET, Simon. **Introdução à leitura de Saussure**. Trad. Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2000.

- CAMARA JR., J.M. **História da linguística**. Edição revista e comentada por Valdir do Nascimento Flores e Gabriel de Ávila Othero. Petrópolis: Vozes, 2021.
- CAVALIERE, Ricardo. **Fonologia e morfologia na gramática científica brasileira**. Niterói, RJ: EDUFF, 2000.
- COLOMBAT, Bernard; FOURNIER, Jean-Marie; PUECH, Christian. **Histoire des idées sur le langage et les langues**. Paris: Klincksieck, 2010.
- FARACO, C. A. Ensinar X não ensinar gramática: ainda cabe essa questão? **Calidoscópio**. v. 4, n. 1 p. 15-26 jan./abr. 2006. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/5983>. Acesso em: 19. out. 2024.
- FIORIN, José Luiz. A criação dos cursos de Letras no Brasil e as primeiras orientações da pesquisa linguística universitária. **Línguas & Letras (UNIOESTE)**, Cascavel, v. 7, p. 11-25, 2006. Disponível em: <file:///C:/Users/hp/Downloads/887-3146-1-PB.pdf>. Acesso em: 19. out. 2024.
- FLORES, Valdir do Nascimento. **Saussure e Benveniste no Brasil**: quatro aulas na École Normale Supérieure. São Paulo: Parábola, 2017.
- FLORES, Valdir do Nascimento. **A linguística geral de Ferdinand de Saussure**. São Paulo: Editora Contexto, 2023.
- LEITE, Marli Quadros. Historiografia da Linguística e História das Ideias Linguísticas: aproximação e distanciamento. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira. (org.). **Historiografia da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2019, pp. 139-181.
- MILNER, Jean-Claude. **Introdução a uma ciência da linguagem**. Trad. Daniel Costa da Silva et al. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2021.
- MILNER, Jean-Claude. **Le périple structural**: figures et paradigme. Paris: Verdier, 2002.
- NORMAND, C. La généralité des principes. In: AUROUX, Sylvain. (org.). **Histoire des idées linguistiques** – Tome 3: L'hégémonie du comparatisme. Liège: Pierre Mardaga, 2000, p. 463-471.
- SALUM, Isaac. Nicolau. Prefácio à edição brasileira. In: SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1975. P. XIII-XIII.
- SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehayé com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1975.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de linguística geral**. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler com a colaboração de Antoinette Weil. Trad. Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.
- SILVEIRA, Eliane. Saussure à brasileira: estatuto epistemológico do *Curso de linguística geral* nos manuais publicados entre 1930 e 1980. In: FARACO, Carlos Alberto. (org.). **O efeito Saussure**: cem anos do Curso de Linguística Geral. São Paulo: Parábola Editorial, 2016, p. 184-205.
- SWIGGERS, Pierre. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. **Confluência**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 44-45, p. 39-59, 1º e 2º semestres. 2013. Disponível em: <https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/602>. Acesso em: 19. out. 2024.

VANDRESEN, Paulino. Comciência “A linguística no Brasil”. Disponível em: <http://www.comsciência.br>. 2001. Acesso em: 19. out. 2024.